

Política em vigor não detém inflação, diz Ipea

31 OUT 1992

ECON - Brasil

LUIZ GUILHERMINO

RIO — A política econômica em curso tem sido incapaz de reduzir a taxa de inflação, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), que em seu Boletim Conjuntural de outubro divulgado ontem prevê uma queda de 0,2% no Produto Interno Bruto (PIB) este ano. O economista Carlos von Doellinger, do Grupo de Acompanhamento Conjuntural, acredita, porém, que a tendência da inflação para novembro e dezembro é de desaceleração.

"É possível que em outubro a média dos índices seja de 26% a 26,5%, mas com desaceleração em novembro, que deverá ter uma média entre 24,5% e 25%, e dezembro, cuja média poderá ficar entre 22% e 23%", disse Doellinger.

Segundo o Ipea, até mesmo com a ajuda de um ajuste fiscal, dado os atuais níveis de inflação, "os custos de um programa puramente ortodoxo de estabilização seriam extremamente elevados".

O Instituto sugere que se combine com o ajuste fiscal uma política de rendas negociada, medida que pressupõe algum controle de preços e salários.

Pessimismo — De acordo com a análise do boletim do Ipea,

"o panorama econômico global não deixa dúvidas de que as expectativas são bastante pessimistas". E isso se justifica pela taxa de investimento, que foi, até junho, de 15,1% do PIB, "um dos menores índices de todo o período de industrialização brasileira do pós-guerra".

O Ipea manteve as projeções de um superávit da balança comercial de US\$ 15,5 bilhões (Cr\$ 124,52 trilhões) para este ano.

O Brasil deverá fechar o ano, estima o Ipea, com uma queda de 3,8% do produto industrial, embora esta projeção tenha sido feita sem as informações atualizadas sobre a produção industrial do IBGE, relativas a julho e agosto.

Em queda — Apesar de o consumo de energia ter crescido 17% de janeiro a agosto, as horas trabalhadas na produção caíram 4,9% e as vendas reais também caíram 4,2% no mesmo período. Segundo os dados do Ipea, "a economia brasileira continua em recessão, sem sinal consistente apontando para o início de um processo de recuperação em um futuro próximo". De acordo com o coordenador do GAG, Cláudio Considera, o consumo per capita brasileiro é muito baixo: "É o mesmo registrado em 1976", disse.